

VIABILIZANDO A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO NO CHÃO DA ESCOLA: UM EXEMPLO DE PRÁTICA

Igor Leite Sousa⁸²,
igorllsousa@gmail.com,
SME-SP

Eixo Temático 3. Currículos, práticas pedagógicas e diversidade

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar o desenvolvimento de um grupo focal entre professores da educação básica de uma escola pública estadual de ensino fundamental nível 2 e ensino médio. Este grupo focal foi realizado em prol da coleta de dados para a dissertação de mestrado do autor (SOUSA, 2020) que investigou quais são os entendimentos que professores e professoras da educação básica têm sobre a temática gênero. Ao final da coleta, os dados foram organizados e analisados, e permitiram perceber, dentre outras coisas, que os professores gostaram e quiseram continuar discutindo gênero, principalmente quando descobriram que se trata de um componente que se expressa em nossa vida desde a infância até a velhice, e cujas expressões e significações se articulam com a raça, a classe, a regionalidade, a religião, e com outras características culturais.

Palavras-chave: gênero, professores, grupo-focal.

INTRODUÇÃO

Este relato se propõe a apresentar um excerto da dissertação de mestrado de intitulada *Os (des)entendimentos de professoras e professores da educação básica sobre a temática “gênero”* (SOUSA, 2020), que foi desenvolvida entre 2018 e 2020 no âmbito do programa de pós-graduação em educação da Universidade Cidade de São Paulo. A pesquisa envolveu professores da educação básica do ensino fundamental nível II e do ensino médio, atuantes

⁸² Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo e professor de língua inglesa nas redes públicas estadual e municipal.

numa escola pública da rede estadual situada na zona leste de São Paulo.

O objetivo deste trabalho foi verificar quais eram as compreensões que os professores da educação básica tinham sobre a temática gênero. Para tanto, foi necessário aplicar um grupo focal com os participantes, que eram todos professores da educação básica com anos de experiência docente, na rede pública e particular. O espaço físico foi a escola onde todos estes agentes trabalhavam, e esta vivência compartilhada fez com que as discussões do grupo focal transcorressem com bastante amistosidade.

A experiência de coleta durou três semanas e permitiu identificar aproximações e distanciamentos entre os professores no que diz respeito às compreensões sobre gênero. Há quem o entende a partir de uma perspectiva mais biológica e quem o veja como uma construção social e cultural. Adiante, procurou-se elucidar as etapas que evidenciaram estas compreensões, além de mencionar os procedimentos que o pesquisador adotou para a análise.

DESENVOLVIMENTO

A compreensão de “grupo-focal” presente neste texto baseia-se em Barbosa (1998). Para ele, trata-se de um grupo de discussão informal cujo objetivo é obter informação qualitativa em profundidade. Dessa forma, foram convidados para participar os professores que faziam ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) nas quartas-feiras, por conta de muitos estarem reunidos nesse momento. Com a devida autorização, foram usados os vinte minutos finais de cada encontro semanal, que vai das 10h40 ao 12h20 e que servem para discutir assuntos de organização interna da escola.

O procedimento adotado para a condução deste grupo focal foi o seguinte: levou-se *slides* que se iniciavam a partir de uma dinâmica geral e depois apresentavam perguntas específicas, as quais os participantes deveriam responder com sinceridade, sem se preocupar com julgamentos morais ou se suas respostas estariam certas ou erradas. Foi esclarecido que não se tratava de corrigir ninguém e nem de explicar nada. Ao contrário, queria que os professores se sentissem livres para dizer o que pensam sem medo de retaliações.

Participantes do grupo focal e suas respectivas disciplinas

Nome fictício	Disciplina
Moderador	Inglês
Amanda	História
Augusto	Matemática
Bruno	Coordenador Pedagógico
Fernanda	Matemática
Helena	Português
Joice	História
Lívia	História
Maria	Inglês
Sílvia	Ciências e Biologia

A dinâmica, que foi apresentada ao pesquisador num curso efetuado em 2019 e de nome *Diálogos de Gênero na Educação Básica*, da Fundação Carlos Chagas, pela grande pesquisadora da área de gênero Marília Pinto de Carvalho, consiste na apresentação de palavras de campos semânticos opostos, as quais os participantes deveriam classificar, uma a uma, ao sexo masculino e ao feminino, e justificar cada classificação. A atenção era refletir sobre como as pessoas têm internalizado um binarismo de gênero tão forte a ponto de associar o que é “de homem” ou o que é “de mulher” a tudo, inclusive a coisas inanimadas.

Termos da dinâmica apresentada

Natureza_____	Cultura
Memória_____	Inovação
Sol_____	Lua
Casa_____	Rua
Intuição_____	Razão
Criança_____	Adulto
Técnica_____	Coração
Público_____	Privado
Paz_____	Guerra
Dinheiro_____	Amor
Força_____	Delicadeza
Redondo_____	Pontudo

Após a dinâmica, nos dias posteriores, foram mostrados *slides* que continham as perguntas seguintes, formuladas a partir de diálogos com a leitura sobre gênero e educação:

- O que você entende por gênero?
- Além da diferença biológica, você enxerga alguma outra característica recorrente entre meninas e meninos?
- Na sala de aula, existe alguma estratégia pedagógica ou postura que você considere mais apropriada para meninos ou para meninas?
- Você já percebeu alguma situação de desigualdade de gênero em sua aula? Qual?
- Você fez alguma intervenção? Qual?
- Você trata alunas e alunos de maneira igualitária?

As respostas dos professores foram registradas mediante aplicativo de gravação, e depois foram transcritas no *software Word*. Com os dados em mãos, adotou-se como perspectiva de análise a hermenêutica e a dialética. Segundo Stein (1987), ambas são posturas epistemológicas comuns nas ciências humanas, que valorizam a ideia de que a compreensão é construída na interação entre o pesquisador e o pesquisado. Nesse sentido, Schleiermacher

(1999) explica que a compreensão é gradual, progride de pouco a pouco, e cada nova leitura representa um novo começo e uma nova incerteza. A compreensão particular depende da compreensão do todo e vice-versa. Por isso, a análise de determinado instrumento deve se dar tanto pelo lado gramatical da interpretação, quanto pelo lado psicológico, pois não há pensamento sem palavras e, assim como a palavra é uma parte na frase, a frase é uma parte no discurso.

CONCLUSÕES

O desenvolver deste grupo focal foi um ofício muito enriquecedor, cujo resultado possibilitou a escrita de uma dissertação de mestrado. Visando progredir na tarefa de análise dos dados, para a qual foi necessário recorrer à Judith Butler, Joan Scott, Marília Pinto de Carvalho, Guacira Lopes Louro, dentre muitas outras, optou-se por, primeiramente, organizar quadros que resumissem os entendimentos dos professores sobre gênero. Tais entendimentos foram auferidos mediante as perguntas já citadas e que foram analisadas uma a uma.

Depois de longo período destinado à interpretação dos dados, cuja versão íntegra está em poder do pesquisador, foi possível perceber diversas questões, das quais destaco apenas, por conta do pouco espaço possibilitado aqui, que a experiência da discussão sobre gênero foi positiva para os participantes, que puderam construir novos conhecimentos sobre o assunto. Um desses conhecimentos foi a percepção de que a compreensão que cada pessoa tem sobre o gênero é influenciada por fatores culturais e sociais, tais como a classe, a raça, a região etc., tal como aponta Judith Butler ao explicar que é inadequado abordar a temática de gênero sem fazer as devidas intersecções:

o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2017, p. 21).

Assim, é válido afirmar que abordagens mais dinâmicas, como o grupo focal apontado aqui, podem configurar uma abertura para a discussão sobre gênero no chão das escolas, algo que muitas vezes parece difícil de acontecer.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Eduardo F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. *Educativa*, 1998. Disponível em: <https://www2.unifap.br/midias/files/2012/03/coleta_dados.pdf>.

Acesso em: 15 jan 2020.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação*. 2ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

SOUSA, I. L. **Os (des)entendimentos de professoras e professores da educação básica sobre a temática “gênero”**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

STEIN, Ernildo. *Dialética e Hermenêutica: Uma controvérsia sobre o método em Filosofia*. Porto Alegre: L&PM, 1987.